

Mudou clima na América Latina

WASHINGTON — Para o presidente do BID, a classe política do Brasil, e da América Latina em geral, está começando a aprender uma lição. Ninguém mais fala em criar subsídios, por exemplo. Reformas fiscal e social tornaram-se ordem do dia. E muito pouca gente está contra a privatização.

— O que me anima é que em breve teremos eleições nuns 12 países da região, e não ouço nenhum candidato falando as bobagens que ouvíamos antes. Nenhum candidato que possa causar um susto à comunidade financeira internacional — disse ao GLOBO Iglesias, para quem a maior lição aprendida foi a da descentralização dos governos.

Iglesias disse que está otimista com a disposição de luta da maioria dos governos. Segundo os economistas do BID, o esforço não precisaria sequer ser fora do comum para que a região resol-

vesse a curto prazo as suas dificuldades mais graves. Sequer seria necessário obter muito dinheiro no exterior:

— A taxa de poupança da América Latina, hoje, é de 25%. Com apenas mais cinco pontos percentuais, poderão ser cobertas todas as necessidades de infra-estrutura. É um adicional de US\$ 50 bilhões por ano.

A entrada de cerca de US\$ 60 bilhões de investimentos estrangeiros na região, este ano, significou um aumento da confiança externa. Mas, ao mesmo tempo, ameaça superaquecer as economias de cada país. Iglesias disse que isso pode ser evitado:

— Faz-se isso através de uma reforma fiscal, instituindo impostos. Há instrumentos fiscais e monetários que podem evitar o superaquecimento, e que o capital estrangeiro distorça a economia. (J.M.P.)